

**DOIS SÉCULOS DE IMAGENS E HISTÓRIAS:  
notas sobre a iconografia no patrimônio cultural de origem militar brasileiro**

Wilson de Oliveira Neto\*  
Francisco Alves César Ferraz\*\*

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é discutir, de forma preliminar, o patrimônio cultural de origem militar brasileiro. Para isso, os autores conceituaram e contextualizaram a noção de patrimônio militar e examinaram um exemplo de bem patrimonial, as fotografias.

**Palavras-chave:** Patrimônio cultural de origem militar; fotografias; Força Expedicionária Brasileira (FEB).

*TWO CENTURIES OF IMAGES AND HISTORIES: notes on iconography in the Brazilian cultural heritage of military origin*

**ABSTRACT**

*The aim of this paper is to discuss, in a preliminary way, the Brazilian cultural heritage of military origin. For this, the authors conceptualized and contextualized the notion of military heritage and examined an example of a heritage asset, photographs.*

*Keywords: Cultural heritage of military origin; photographs; Brazilian Expeditionary Force (FEB).*

**DOS SIGLOS DE IMÁGENES E HISTORIAS:**

*notas sobre iconografía en el patrimonio cultural de origen militar brasileño*

**RESUMEN**

*El objetivo de este artículo es discutir, de manera preliminar, el patrimonio cultural de origen militar brasileño. Para eso, los autores conceptuaron y contextualizaron la idea de patrimonio militar y examinaran un ejemplo de bien patrimonial, las fotografías.*

*Palabras clave: Patrimonio cultural militar; fotografías; Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB).*

---

\* Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ. Professor adjunto da Universidade da Região de Joinville – Univille. Contato: wilson.o@univille.br; <https://orcid.org/0000-0002-6439-661X>

\*\* Doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP. Professor associado do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina – UeL. Contato: [fcaferraz@uel.br](mailto:fcaferraz@uel.br); <http://lattes.cnpq.br/5609472501010800>

## 1 INTRODUÇÃO

Estamos a comemorar o bicentenário da Independência. Como é sabido entre os historiadores e demais estudiosos do passado, efemérides são momentos oportunos para diversas reflexões sobre vários aspectos do passado evocado pela própria comemoração.

Um prato cheio para a História Militar, compreendida neste artigo como um domínio temático da História, na medida em que o percurso histórico brasileiro está intimamente relacionado aos conflitos armados e às instituições militares. Algo que fica evidente, por exemplo, se levarmos em consideração que parte do patrimônio histórico nacional tem origem militar.

O próprio processo de emancipação política de Portugal ocorreu, em parte, através da força das armas, como afirma o historiador Adler Homero Fonseca de Castro (2021). Fruto das circunstâncias específicas da época do Império (1822 – 1889), cristalizaram-se uma memória e história oficiais nas quais a transição entre Colônia e Estado Nacional ocorreu de forma pacífica e com fortes laços de continuidades entre passado e presente. Contudo, Castro (2021, p. 14) é categórico: “O que gostaríamos de apontar é a necessidade de lembrar que *houve* uma guerra, que foi mais longa do que a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial”.

O objetivo deste artigo é refletir, mesmo que de forma sucinta, sobre as dimensões patrimoniais desse passado de guerras e demais formas de conflitos armados travados ao longo de dois séculos de história, dentro e fora do Brasil. Para tanto, será abordada uma pequena fração do patrimônio cultural de origem militar de natureza imagética, em especial, fotográfica, sob a guarda de arquivos, bibliotecas, memoriais, museus e mesmo particulares, cuja preservação e estudo contribuem com a compreensão dos Brasis de ontem e de hoje. Afinal, como ensina Caio Boschi (2004, p. 11), “o conhecimento do passado, não sendo em si mesmo a História, antes de iluminar o futuro, deve proporcionar aos homens viverem melhor o seu presente”.

## 2 O PATRIMÔNIO CULTURAL DE ORIGEM MILITAR

Também conhecido como patrimônio militar (*military heritage*, em inglês), o patrimônio cultural de origem militar consiste em uma categoria específica do patrimônio cultural formada por bens materiais e imateriais relacionados às atividades militares em tempos de paz ou de guerra, tanto no passado quanto no presente.

“Military heritage consists all monuments/memorials and commemorative itens, the study of which enables us to analyze the processes by which we pass on knowledge about and an awareness of, our wartime past”, explica Patrick Roques (2022, p. 1).

No Brasil, as origens da patrimonialização de bens de origem militar estão situadas na Era Vargas (1930–1945), cuja política de Estado foi voltada para a construção de uma identidade nacional de matrizes católica e portuguesa, que remontam à época colonial. Através de uma narrativa teleológica, as igrejas e os fortes representariam os vestígios de um embrião histórico, cujo Brasil da Era Vargas foi o seu rebento. Paralelamente, é importante frisar que nesse período as forças armadas, em particular, o Exército, se consolidaram como instituições de abrangência nacional, sendo importantes forças políticas, cujas demandas e visões influenciaram as políticas estatais da época.

Em nível internacional, a pesquisa e a salvaguarda do patrimônio cultural de origem militar são orientadas pelo International Scientific Committee on Fortifications and Military Heritage (ICOFORT). Comitê Científico Internacional sobre Fortificações e Patrimônio Militar, um dos comitês pertencentes ao ICOMOS/UNESCO, criado em 2005 e cuja composição multidisciplinar desenvolve trabalhos em diversos países, entre os quais o Brasil (ICOFORT, 2022).

Apesar do destaque dado aos bens edificados, a exemplo das fortificações, o escopo do patrimônio cultural de origem militar vai além e abrange outros itens, a exemplo das imagens visuais e das fotografias.

### **3 AS IMAGENS VISUAIS E A FOTOGRAFIA NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO MILITAR**

“As imagens pertencem ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana que chegaram até nós”, afirma Paulo Knauss (2006, p. 98). Para a História Militar, a afirmação do historiador pode ser constatada de diversas formas, como por exemplo, através dos altos-relevos que compõem a Coluna de Trajano, erguida no antigo Fórum de Trajano, em Roma. Ou, de forma ainda mais remota, na Paleta de Narmer, em cuja face posterior foi retratado o faraó Narmer liquidando um inimigo, em uma representação do processo de unificação do antigo Egito. Estima-se que esse documento iconográfico esteja situado entre 3.200 e 3.100 a.C. (CASSON, 1969).

Peter Burke (2017) vai ao encontro da afirmação de Knauss (2006), pois compreende que as imagens são evidências históricas, cujos usos pelos historiadores ganharam força ao longo das últimas quatro décadas, como parte do processo de ampliação dos temas, dos problemas e das abordagens da História. Se, décadas atrás, os estudos envolvendo imagens visuais estavam circunscritos à História da Arte, tal situação mudou completamente, sendo as fontes iconográficas problematizadas e analisadas por diversos domínios da História, entre os quais a História Militar.

De uma forma geral, existe um grande repertório de fontes visuais disponíveis para os estudiosos da história militar. No Brasil, por exemplo, imagens sobre batalhas, fortificações e gente-de-armas são produzidas e colocadas em circulação desde a Colônia, a exemplo das imagens produzidas por artistas europeus tais como Debret

e Rugendas. Mais próximas do presente, podem ser citadas as pranchas pintadas por José Wasth Rodrigues, reunidas na obra “Uniformes do Exército Brasileiro”, publicada em 1922, no contexto do primeiro centenário da Independência, com textos escritos e organizados por Gustavo Barroso.

Em seu conjunto, até hoje, essas e outras imagens visuais são referências para a memória e a história militares brasileiras. Bens que mobilizam civis e militares, cujos usos variam conforme os diversos contextos históricos pelos quais o Brasil passou ao longo de dois séculos como estado nacional. Bens que reforçam a noção de uma comunidade imaginada, expressão esta vinculada a Benedict Anderson (2008) em seu estudo sobre a invenção das nações e dos estados nacionais.

### 3.1 O “LUGAR” DAS FOTOGRAFIAS

Embora seus fundamentos ópticos sejam conhecidos há séculos, a fotografia, como um processo físico e químico de fixação de imagens, surgiu somente em meados do século XIX, na Europa. Contudo, o fotógrafo e historiador Boris Kossoy (2006) revela que paralelamente ocorreu no Brasil a descoberta isolada da fotografia por Hercule Florence.

A fotografia é algo banal na vida cotidiana. Especialmente, após a popularização da fotografia digital, através de aparelhos de telefonia móvel, tabletes e outros dispositivos. Fotografa-se e coloca-se em circulação imagens sobre os mais diversos assuntos, feitas nas mais variadas circunstâncias.

Contudo, quando do seu aparecimento, a fotografia foi um invento que causou um grande impacto sociocultural, que influenciou as artes, ciências, comunicações e mesmo as sociabilidades, a exemplo do retrato, sobre o qual Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho (2009, p. 31) afirmam que:

Colados em papéis rígidos de vários formatos, o retrato fotográfico circulava entre os parentes substituindo ausências, sugerindo propostas de casamento, informando e garantindo a reprodução de rituais de passagem [...], apresentando novos integrantes, documentando mudanças do corpo social familiar com o passar do tempo e ativamente registrando a sua unidade.

Para a História Militar, a fotografia representou uma inovação prática e simbólica na medida em que permitiu novas formas de registro, estudo e planejamento das operações militares, além da publicidade das guerras entre a opinião pública, conforme é possível constatar no conflito em curso na Ucrânia, em que imagens e audiovisuais são importantes meios de mobilização da opinião pública internacional. Ou, de forma mais remota, é possível mensurar o impacto da introdução da fotografia nas guerras por meio do trabalho de Andre Toral (2001)

sobre a iconografia sobre a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), da qual a fotos faz parte.

A fotografia foi introduzida no Brasil durante os oitocentos, no contexto do Segundo Reinado (1840–1889). Para os estudiosos da história militar brasileira existe à disposição um volumoso patrimônio fotográfico acumulado desde então, que está sob a guarda de arquivos históricos, bibliotecas, museus e mesmo coleções particulares.

Porém, as fotografias estão longe de serem registros fidedignos do passado, se é que isso é possível de existir, pois, como dos demais tipos de documentos históricos, as imagens fotográficas foram produzidas e preservadas como fontes históricas em contextos específicos e com noções específicas de memória e história. Especialmente, quando salvaguardadas em arquivos públicos, sejam eles civis ou militares, a exemplo do Arquivo Histórico do Exército (AHEx). Afinal, como constatou Jacques Le Goff (1996, p. 426): “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. A respeito dessas relações de poder ligadas à memória, o autor ainda afirma que: “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1996, p. 426).

### **3.1.1 Um exemplo: as fotografias da Força Expedicionária Brasileira – FEB**

Entre o final de 1944 e o início de 1945, os efetivos da FEB participaram de operações de guerra na frente italiana, com um total de 25.334 homens, a maioria jovens recrutados nas cidades das regiões Sudeste e Sul do Brasil (MAXIMIANO, 2010).

A experiência militar brasileira no teatro de operações da Itália, entre 1944 e 1945, produziu uma quantidade incomensurável e variada de documentos históricos de origens e com características distintas, a exemplo dos boletins internos e das “partes de combate” redigidas pelos oficiais da FEB, das cartas trocadas entre os expedicionários e seus parentes no Brasil ou dos diários que os combatentes mantiveram durante o período em que serviram na Itália. Desde o final da década de 1940, esse material serve de fonte para diversos tipos de publicações, entre matérias de revistas, livros de memórias ou trabalhos acadêmicos, tais como Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado (FERRAZ, 2015).

Da sua partida para a Itália ao seu retorno do Brasil, a FEB foi exaustivamente fotografada. Entre 1944 e 1945, fotografias jornalísticas, oficiais e particulares foram feitas, muitas das quais usadas em jornais e revistas, segundo constatou e analisou Wilson de Oliveira Neto (2020).

Uma parte dessa documentação fotográfica foi feita na Itália pelos próprios expedicionários com suas câmeras portáteis, em estúdios ou por fotógrafos

ambulantes durante suas licenças da frente de combate ou após o término do conflito, no contexto de espera para o embarque para o Brasil.

**Figura 1 – Graduados da FEB durante uma visita ao Vaticano, junho de 1945**



**Fonte:** Anônima, 1945. A figura 1 é um exemplo de fonte fotográfica a respeito da FEB. Trata-se de uma fotografia particular, em tons de sépia, revelada sobre papel fotográfico Ferrania, em formato de cartão postal (8 x 13 cm), algo comum na época. Provavelmente, ela foi tirada por um fotógrafo ambulante, que aproveitou o fim da guerra na Europa para oferecer seus serviços aos soldados aliados que, durante suas licenças, estavam a visitar a Santa-Sé.

Em frente à Praça de São Pedro, isolada por um “muro” de madeira improvisado, em que foram fixados cartazes de “não ultrapasse”, dois graduados brasileiros foram fotografados, da esquerda para a direita, um 3º Sargento e um Cabo. O 3º Sargento, marcado com um “x”, chama-se José Egipto Pereira Barbosa Lima, do Depósito de Pessoal da FEB. Ele embarcou para a Itália em 8 de fevereiro de 1945, sendo parte do 5º Escalão, comandado pelo Tenente-Coronel Ibá Jobim Meireles. Desembarcou em Nápoles no dia 22 de fevereiro. Retornou ao Brasil em outubro de 194<sup>1</sup>. Ambos vestem uniformes de passeio Tipo A, confeccionados em tons de verde (CASTELLO BRANCO, 1960; MAXIMIANO e BONALUME NETO, 2011).

1 Os dados sobre o 3o Sgt Lima foram coletados na “Lista FEB”, uma planilha com dados sobre os efetivos da FEB, compilada pela equipe do AHEx e disponível para Download em redes sociais e demais espaços da internet.

Sobre o verso da fotografia, foram feitas, em épocas diferentes e por pessoas distintas, as seguintes anotações manuscritas: “Roma, 2 de junho de 1945. À tia Geny e aos primos Gabriel, Jandira e Nilinha, ofereço esta lembrança de uma visita à Cidade Eterna. José”. Trata-se, de uma dedicatória escrita pelo próprio 3º Sgt Lima.

Abaixo dela, a segunda anotação manuscrita, talvez feita pela destinatária, a “tia Geny”: “Fotografia tirada na Praça de São Pedro, tendo por fundo a Catedral do mesmo nome. José do Egito Pereira Barbosa Lima, filho do Cap. Luiz Barbosa Lima e de Amarina [?] Pereira Barbosa de Lima”.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O retrato do 3º Sgt Lima e do Cabo que está ao seu lado representa um tipo de fotografia comum nas coleções fotográficas sobre a FEB pertencentes a pessoas físicas ou jurídicas: imagens feitas longe das frentes de combate, muitas das quais registros de visitas a locais de valores cultural, histórico e religioso para uma certa noção de civilização, recorrente na propaganda aliada veiculada durante a Segunda Guerra Mundial. A Itália seria o grande “repositório” desse patrimônio, que estava sob risco de saque e pilhagem pelos alemães, conforme é possível considerar através da narrativa de Lynn Nicholas (1996).

Contudo, a importância desse tipo de imagem não para por aí. Ela serve de suporte para uma memória familiar a respeito da experiência de um ente querido na Campanha da Itália ao ponto de, para não esquecer, foram feitas anotações manuscritas reforçando as informações visuais presentes no próprio retrato.

Essa e muitas outras imagens constituem parte de um importante patrimônio militar que, no contexto do bicentenário da Independência, ajudam os historiadores e demais estudiosos a compreenderem os Brasis de ontem e de hoje.

#### **REFERÊNCIAS**

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOSCHI, Caio. História: por que e para quê? *Nossa história*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11, p. 98, set. 2004.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

CASSON, Lionel. *O antigo Egito*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969 (Biblioteca de História Universal LIFE).

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.

CASTRO, Adler Homero Fonseca de. O bicentenário da guerra de Independência do Brasil. *Da cultura*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 36, p. 5-14, maio 2021.

FERRAZ, Francisco César Alves. Considerações historiográficas sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial: balanço da produção bibliográfica e suas tendências. *Esboços*, Florianópolis, v. 22, n. 34, p. 207-232, 2015.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORTIFICAÇÕES E PATRIMÔNIO MILITAR, 2017, Rio de Janeiro. Apresentação, artigos, palestras... *Gestão, Inovação e Turismo em Fortificações*. Rio de Janeiro: ICOFORT, 2017. Disponível em: <http://icofortbrasil.org/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97 – 115, jan.–jun. 2006.

KOSSOY, Boris. *Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996 (Coleção Repertórios).

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Grua, 2010.

MAXIMIANO, Cesar Campiani; BONALUME NETO, Ricardo. *Brazilian Expeditionary Force in World War II*. Oxford: Osprey Publishing, 2011 (Men-at-Arms).

MINISTERIO DA GUERRA. *Uniformes do Exército Brasileiro: 1730 – 1822*. Paris: A. Ferroud – F. Ferroud, 1922.

NICHOLAS, Lynn H. *Europa saqueada: o destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



OLIVEIRA NETO, Wilson de. *O “misterioso” álbum 3.1.8.36.7.: fotografia e história no contexto da Segunda Guerra Mundial*. 236 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

ROQUES, Patrick. *What do we mean by “military heritage”?* Disponível em: [https://patrimoines.laregion.fr/no\\_cache/en/items-globaux/detail-article/index.html?tx\\_ttnews%5Btt\\_news%5D=36](https://patrimoines.laregion.fr/no_cache/en/items-globaux/detail-article/index.html?tx_ttnews%5Btt_news%5D=36). Acesso em: 14 abr. 2022.

TORAL, Andre. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo: FFLCH/USP; Humanitas, 2001.